


Intervenção do Governo e serviços mínimos quase a 100% têm sido as soluções

 expresso.pt/politica/2019-08-12-Intervencao-do-Governo-e-servicos-minimos-quase-a-100-tem-sido-as-solucoes

Expresso

Uma maior intervenção dos governos marcada por uma elevada percentagem de serviços mínimos tem sido a forma de outros países lidarem com greves que podem ter um impacto significativo, como a dos motoristas de matérias perigosas que começou hoje em Portugal.

Foi assim, recentemente, em Espanha com a greve dos transportadores do aeroporto Josep Tarradellas Barcelona-El Prat. De acordo com a agência de notícias EFE, os serviços mínimos de 90% fizeram com que a greve "não tivesse efeito". No Brasil, o Governo acabou por obrigado a ceder a algumas das reivindicações dos camionistas que em 2018 quase pararam o país. Segundo a BBC, o Congresso teve de aprovar uma tabela com valores mínimos para o frete de cargas e baixar o preço do gasóleo.

Porém, nem todas as reivindicações dos motoristas brasileiros foram atendidas, como a isenção de portagens, daí que em abril deste ano tenha surgido uma nova ameaça de paralisação. A nova greve foi adiada com Bolsonaro a garantir que as negociações continuam.

Em França, o Governo de Macron teve de ceder aos Coletes Amarelos, no qual também se incluíam os camionistas, suspendendo o aumento do imposto sobre combustíveis previsto. O movimento, que trouxe para as ruas milhares de pessoas e que afetou também camionistas portugueses através bloqueios nas estradas e nos postos de gasolina, continua a manter a pressão sobre o Presidente francês.

Para Elísio Estanque, investigador no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, uma das pessoas que mais tem estudado a área sindical, exemplos internacionais como este último mostram

que resolução destes conflitos tem passado por uma intervenção do Governo e com uma forte componente comunicacional.

"A imagem de credibilidade e seriedade é fundamental e a decisiva no juízo social que se faça desta greve. É inevitável vir-nos à cabeça o exemplo dos Coletes Amarelos, é uma tendência que se vai espalhando pela Europa, são movimentos esvaziados de ideologia e com algum populismo. É uma mistura de reivindicações legítimas e erros do Governo com estratégias e manobras que visam descredibilizar as instituições democráticas", frisa o sociólogo.

Daí também a importância da forma como as partes no conflito - Sindicato Nacional de Motoristas de Matérias Perigosas (SNMMP), Governo e Associação Nacional de Transportes Públicos Rodoviários de Mercadoria (ANTRAM) - comunicam as suas posições e reivindicações à opinião pública. "E isso nota-se na forma como os intervenientes vão falando. A eficácia da comunicação passa pela mensagem. Nota-se na gestão que tem sido feita pelo Governo, tem sido estratégica. Depois do ministro Pedro Nuno Santos, foi o próprio primeiro-ministro que veio e tem estado a dar a cara. Se for um fiasco para os sindicatos, o Governo colhe os dividendos políticos", continua Elísio Estanque.

À exceção da greve de abril, também desencadeada pelos motoristas de matérias perigosas, o sociólogo encontra paralelismo na greve dos enfermeiros ao Bloco Operatório, pelo impacto na opinião pública e por ter sido convocada fora das tradicionais centrais sindicais. "Criou nas pessoas um sentimento social semelhante."

Nova contexto sindical

Tal como o Expresso avançou na edição impressa de 27 de abril, a maioria dos novos sindicatos estão fora das tradicionais centrais sindicais, a CGTP e a UGT. O SNMMP e a Associação Sindical Portuguesa dos Enfermeiros (ASPE), responsáveis pela nova construção de greves em Portugal, fazem parte dessa nova realidade.

"As greves com maior impacto já têm dezenas de anos e o contexto sindical tinha outras características. Isso deve-se a alterações no campo do trabalho e a alterações na lógica de funcionamento dos sindicatos, mais assente na litigância e no campo jurídico. Perdeu-se o campo ideológico em favor de uma linguagem jurídica", frisa Elísio Estanque.

Curiosamente, das greves recentes com mais impacto, além da dos enfermeiros, estão várias na área dos transportes, como a dos pilotos, dos funcionários dos aeroportos ou a dos taxistas. "Se não durar mais de dois ou três dias é uma derrota para os sindicatos", sublinha o investigador.